

A young girl is the central focus, wearing a traditional Kaingang headdress with a large blue feather and green and red feathers. She has red face paint around her eyes and on her cheeks. Her attire includes a necklace of colorful beads and a fringed garment. The background is a blurred crowd of people. The image is framed by a decorative border with a repeating geometric pattern in yellow, pink, and teal.

Narrativa (s) Kaingang

Cultura, tradição e identidade

Daiane Frigo
Coordenação

Daiane Frigo
Andreza Bazzi
Vanisse Domingos
Pesquisa/Redação

Catavento Produção Cultural
Edição gráfica

Arcoires Produções
Impressão

Yasmim Krig Fernandes
Imagem na capa

Proponente:

Realização:

Apoio:



**EDITAL
ELISABETE
ANDERLE**

**FUNDAÇÃO
CATARINENSE
DE CULTURA**

**ESTADO
DE SANTA
CATARINA**



Programa de
Pós-Graduação
em História

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio a Cultura – Edição 2021, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense da Cultura.

Ficha catalográfica:

F912c Frigo, Daiane
Cartilha didática: narrativa (s) Kaingang: cultura, tradição e identidade. /
Daiane Frigo, Andreza Bazzi, Vanisse Domingos. – Chapecó: Catavento
Produção Cultural, 2022.
20 p.: il. color.

1. Indígenas Kaingang - História. 2. Indígenas Kaingang - Santa
Catarina - Usos e costumes II. Bazzi, Andreza. III. Domingos, Vanisse. IV.
Título.

2021-0186

CDD 363.69 – 22.ed.

Apresentação

Esta cartilha foi produzida com a finalidade de contribuir para promover, valorizar e fortalecer a identidade, as histórias, memórias, tradições e os saberes vivenciados pelos indígenas, a partir do olhar e as narrativas das mulheres Kaingang da Aldeia Indígena Toldo Chimbanguê, do município de Chapecó – SC.

A ideia para produção deste material surgiu a partir da observação de que a região Oeste Catarinense carece de produtos culturais que retratem a história, a memória, os saberes da cultura indígena e o protagonismo feminino, multiplicando assim ideias transformadoras no que diz respeito a valorização humana e salvaguarda da cultura popular.

O conteúdo foi produzido a partir das contribuições e narrativas das participantes do documentário “Mulheres Kaingang na frente de batalha: três gerações de lideranças femininas na Terra Indígena Toldo Chimbanguê”, realizado em 2021 e está sendo socializado e distribuído gratuitamente na Escola Indígena de Ensino Fundamental (EIEF) Fen’Nó, localizada na Aldeia, além de ser disponibilizado em formato acessível por meio da audiodescrição do conteúdo.

Aprecie o conteúdo! Boa leitura!

Participantes do projeto

Paulina Antunes Candóí



Filha de João Fortes e Ibraina Fortes. Nasceu em 1958, na Terra Indígena Votouro (Benjamin Constant do Sul/RS). Mudou-se para o município de Seara/SC, onde hoje é a Terra Indígena Toldo Pinhal com 03 anos de idade e depois a pedido de Fen'Nó mudou-se, para onde hoje é a Terra Indígena Toldo Chimbangue, participando ativamente das lutas pela demarcação. É uma Kofá (anciã/sábia) da comunidade Kaingang e já foi vice-cacique do Toldo Chimbangue. Cultiva várias tradições Kaingang, entre elas o artesanato, e a medicina tradicional. É integrante da Associação

Nan Gá, coletivo da aldeia Toldo Chimbangue que atua na preservação e processamento de plantas medicinais. Colaboradora no projeto Trilha Ecológica Raízes (Xeyuya Apó), onde foram identificadas diversas espécies de plantas pelos sábios das aldeias e são realizadas ações educativas.

Cleusa Domingas Rodrigues



Filha de Antonio Rodrigues e Carmen Henrique. Nasceu em 1972, na Terra Indígena Toldo Chimbangue, Chapecó/SC. Desde a infância vivenciou o repasse dos saberes tradicionais com a mãe e outras pessoas de seu convívio na aldeia. Kursou Técnico de Enfermagem, em Cruz Alta (2004), formou-se em Nutrição, pela Unochapecó (2014) e fez curso de especialização em Fitoterapia Tradicional e Cultural usando a Medicina Indígena (2015). Atua como Nutricionista, desde 2015, por meio da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) de Chapecó, atendendo a Terra Indígena

Toldo Chimbangue, o Toldo Pinhal e a Aldeia Kondá, que envolvem quatro comunidades de Kaingang e Guarani. É integrante da Associação Nan Gá, e colaboradora no projeto Trilha Ecológica Raízes (Xeyuya Apó).

Nadir Vergueiro



Filha de Fabrício Miguel Vergueiro e Maria Rosa Sales. Nasceu em 1967, em Nonoai/RS. Mudou-se para o Toldo Chimbangue aos 19 anos de idade. Casou-se com Jucelino Siqueira, filho de Carmelinda, que era filha de Fen'Nó. Em sua história de vida, Nadir participou de várias lutas enfrentadas pelos Kaingang para assegurar seus direitos. Atualmente é vice-cacique. Cultiva várias tradições Kaingang, entre elas o artesanato.

Vanisse Domingos



Filha de Adelino Domingos e Leonora Domingos. Nasceu em 1981, na Terra Indígena Votouro (Benjamin Constant do Sul/RS). Aos 11 anos de idade mudou-se para a Terra Indígena Toldo Chimbangue. Formada em Pedagogia, Unochapecó (2003). Pós-graduada em Gestão Escolar. Atualmente faz parte do grupo de mulheres da Comunidade Chimbangue e é Diretora da Escola Indígena de Ensino Fundamental (EIEF) Fen'Nó, localizada na Aldeia Toldo Chimbangue, sendo a primeira mulher e primeira indígena a ocupar essa função na escola.

Iara Campolin

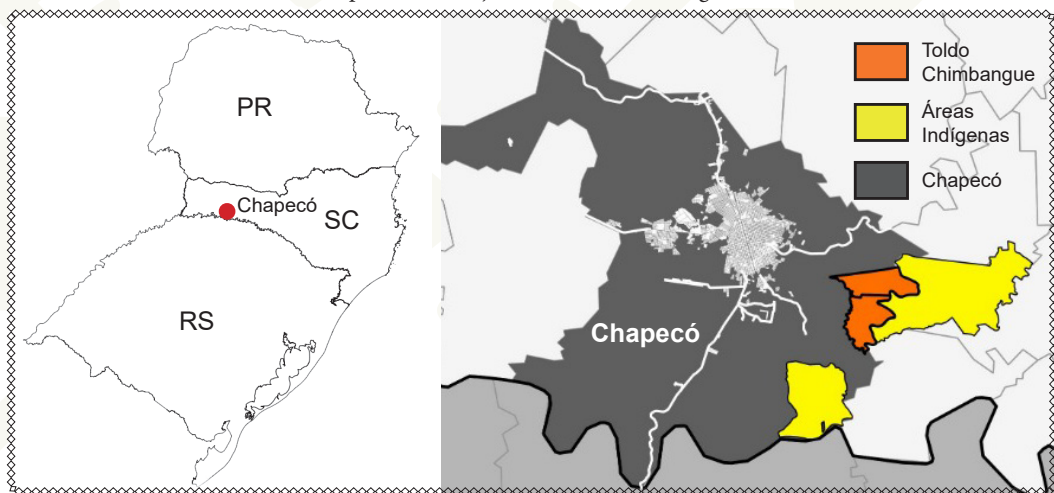


Filha de Doraci Campolin e Dirceu da Silva. Nasceu em 1988, na Terra Indígena Kaingang de Iraí/RS, anos mais tarde veio residir no Toldo Chimbangue. Formou-se em Educação Física, pela Unopar (2021) e está cursando Licenciatura Intercultural Indígena pela Unochapecó. Atua como professora na aldeia. No ano de 2020, concorreu como vereadora nas eleições municipais, ficando como suplente. Em outubro de 2021, assumiu a vaga de vereadora, sendo a primeira mulher indígena a vivenciar essa experiência em Chapecó.

TOLDO CHIMBANGUE: HISTÓRIA E MEMÓRIA

A Terra Indígena Toldo Chibangue está localizada às margens do Rio Irani e do Lajeado Lambedor, à uma distância de aproximadamente 18 quilômetros do centro urbano de Chapecó/SC. O acesso ocorre pela rodovia SC 484, que passa pela Terra Indígena e liga Chapecó ao município de Paial. O início da Terra Indígena é marcado pela presença do cemitério e, logo depois, pelas casas dos moradores de ambos os lados da estrada.

Mapa de localização do Toldo Chibangue



Fonte: Adaptado de Andreza Bazzi, 2019.

Atualmente, conforme dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI, 2022), 650 Kaingang e 156 Guarani vivem na Terra Indígena Toldo Chibangue. Os dados sofrem variação, uma vez que há um fluxo constante com idas e vindas de moradores, característica da mobilidade Kaingang.

A comunidade Guarani vive no Toldo Chibangue temporariamente desde 2001, enquanto aguarda a demarcação de seu território, a Terra Indígena Araçá'i, localizada entre os municípios de Saudades e Cunha Porã, também no Oeste de Santa Catarina.

De acordo com fontes históricas, a ocupação Kaingang das matas próximas ao Rio Irani, data de março de 1856. Com a chegada da frente colonizadora o território do Toldo Chimbangué é atingido com a medição e titulação da Fazenda Barra Grande em 1893. Em 1919 a Fazenda foi vendida para a Empresa Colonizadora Luce Rosa & Cia, mas foi somente a partir de 1940 que a empresa iniciou a colonização das proximidades do rio Irani (D'ANGELIS, 1984).

Em 1948, a Luce Rosa & Cia vende o restante do território sob seu domínio aos irmãos Severino e Giocondo Trentim, o que incluía o espaço ocupado pelos Kaingang do Toldo Chimbangué. A partir desse fato ocorre um gradativo processo de expropriação do grupo Kaingang, e a ocupação do espaço por imigrantes em sua maioria descendentes de alemães e italianos, vindos do Rio Grande do Sul (D'ANGELIS, 1984).

No início da década de 1980, os Kaingang se mobilizam para recuperar suas terras. O Toldo Chimbangué teve, como uma das principais lideranças e responsável pela conquista do território, uma mulher Kaingang, Fen'Nó, em torno da qual se articulou o movimento de reivindicação territorial. A liderança de Fen'Nó e o envolvimento de outras mulheres no primeiro processo de Luta pela Terra, resultou na demarcação de 988 hectares, em 1986, o que

“Quando eu tinha 13 anos de idade o pai faleceu daí eu fiquei com a dona Ana [...] Onde ela ía, ela convidava pra gente acompanhar, e quando a gente era pequeno escutava as histórias que ela contava em roda do fogo e daí a gente foi aprendendo [...] ela foi uma grande liderança, ela que indicava as pessoas pra viajar, que orientava o que tinha que fazer, o que não podia fazer e todo mundo escutava [...] ela era a mais velha que tinha. A importância dos mais velhos é que, os mais velhos, os mais novos respeitavam, pra eles aquela pessoa lá era uma mãe, mãe da comunidade, ela era tudo” (Paulina Antunes Candó).



FEN'NÓ ou FÊN'NO, nome Kaingang que significa “Arma, flecha em pé” (SAVOLDI, 2017), registrada como **Ana da Luz Fortes do Nascimento**, nasceu em 08 de setembro de 1898 e faleceu dia 06 de março de 2014, aos 116 anos de idade. Nasceu e morreu nas terras do Toldo Chimbangué e, mesmo com o avanço da frente colonizadora, nunca saiu de seu lugar de origem. Fen'Nó é um grande símbolo da resistência Kaingang na região do rio Irani.

“Quem fala da Fen’Nó se emociona, ela deixou muita coisa boa pra nós. Ela foi uma pessoa que nos ensinou a ser guerreiras, que sempre incentivou. Ela sempre dizia - Vocês tem que estudar, vocês tem que buscar, estudem, mas nunca deixem de ser o que vocês são, nunca deixem os antepassados para trás. E ela ensinou muito a questão da luta, ela dizia – Nunca desista do que você quer conseguir, você nunca deve subir sem levar os teus antepassados juntos. Ela foi uma pessoa que muita gente se espelha nela. Ela não está mais aqui no nosso meio, mas espiritualmente ela está viva” (Cleusa Domingas Rodrigues).

Nos anos que se seguiram os Kaingang do Toldo Chimbangue deram continuidade a luta para que fosse demarcado o restante do território que já havia sido identificado como território tradicional. Este segundo processo contou também com o envolvimento de diversas mulheres.

“A vó Ana foi um exemplo na demarcação do Toldo Chimbangue I [...] ela esteve presente em todos os momentos dessa luta [...] Na luta pelo Chimbangue II tiveram algumas mulheres que estiveram bem ativas, tem a dona Nadir que hoje é a vice-cacique [...] a dona Paulina, dona Rosa, também estive junto com elas em muitos momentos” (Vanisse Domingos).

Esse episódio resultou na conquista de mais 954 hectares declarados em 2002, demarcados em 2006, hoje conhecido como Toldo Chimbangue II, mas que segue ainda, sem total regularização por parte do governo federal. Exigindo a luta constante dos Kaingang para a manutenção do direito legal sobre suas terras.

PARA PENSAR!!!

A demarcação de terras indígenas é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988, que estabelece aos indígenas o chamado “direito originário” sobre as suas terras ancestrais. Isso quer dizer que eles são considerados por lei os primeiros e naturais donos desse território, sendo obrigação da União demarcar todas as terras ocupadas originariamente por esses povos. O Projeto de Lei nº 490/2007, em tramitação, tenta consolidar a chamada “tese do marco temporal”, determinando que devem ter direito às terras consideradas ancestrais somente os povos que as estivessem ocupando no dia da promulgação da Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988. Que tal pesquisar mais sobre esse assunto?!

“Eu vim com três anos morar aqui, naquele tempo os Kaingang já viviam nesse lugarzinho aí, sempre viveram ali. Eles sempre viveram na beira do rio, mas eles se davam com os colonos e trabalhavam pra eles. Depois que vieram pessoas tirando a história que a terra era indígena e daí que foi o movimento [...] foi feita a luta pela demarcação das terras [...] A gente morava dentro de um potreiro que ficava na beira do rio. Quem deu aquele lugarzinho, foi um alemão, o Arno Siemer, ele que deu esse lugar pros indígenas, pra aquelas cinco famílias que ficaram” (Paulina Antunes Candó).



Dona Nadir junto ao cedro.

Imagem: Daiane Frigo.

“O cedro que foi plantado em cima do cacique (chamado Chimbanguê, nome Kaingang Antônio Sãn Mag) que morreu. É um cedro muito bonito. Era enorme, com muitos galhos. Em torno do cedro fizeram potreiro e foram matando aquele cedro [...] daí foi secando [...] nós colocamos outro cedro no dia da Santa Cruz ali. É uma lembrança pra nós que ali estavam os nossos antepassados” (Nadir Vergueiro).

A Luta pela Terra no Toldo Chimbanguê no início da década de 1980 inaugurou um novo modelo de demarcação de terras indígenas no Brasil (BRIGHENTI, 2012), e possibilitou interessantes reflexões sobre a participação feminina nesse processo (BAZZI, 2019). Além disso, o protagonismo feminino no Toldo Chimbanguê comunica a importância das mulheres na dimensão cultural e socio-política de organização, instrução e suporte do grupo, antes, durante e depois da demarcação territorial, envolvendo além da luta, a manutenção da identidade, dos saberes e fazeres da cultura indígena Kaingang, contribuindo assim para manter vivas histórias, memórias e tradições de geração em geração.

“Eu tenho certeza que é bem importante a mulher indígena se envolver nesses movimentos, não só na política mas em tudo, na educação, na saúde” (Iara Campolim).



SAIBA MAIS!!!

O documentário “Mulheres Kaingang na frente de batalha: protagonismo feminino na Terra Indígena Toldo Chimbangue”, produzido em 2021 apresenta um pouco das experiências culturais, políticas e sociais das mulheres Kaingang da Terra Indígena Toldo Chimbangue, do município de Chapecó/SC. Acesse o conteúdo no Canal da Inova Soluções Criativas no YouTube ou escaneie o QR Code com o seu celular.

Cultura Kaingang: tradições, saberes e representações

Terra originária dos Kaingang, o Toldo Chimbangue tem como marco histórico ser umas das primeiras Terras Indígenas demarcadas no Brasil e um dos povos que durante a ditadura militar sofreu muita repressão quanto ao uso da sua língua e cultura. Como consequência disso houve o adormecimento de algumas práticas e rituais culturais do povo, que a partir dos anos 90 foram despertados novamente pelas discussões e práticas da educação escolar indígena em parceria com a comunidade através da escuta e diálogo com os anciãos e grandes líderes.

Educação Indígena na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)

A partir da LDB (Lei nº 9.394/1996) tem-se abordado o direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada, pautada pelo uso das línguas indígenas, pela valorização dos conhecimentos ancestrais e pela formação dos próprios indígenas para atuarem como docentes em suas comunidades. Com essa proposta, em 2004 foi criada no Toldo Chimbangue, a Escola Indígena de Educação Fundamental (EIEF) Fen'Nó, que propicia além dos conteúdos previstos na Base Nacional Comum Curricular, o aprendizado de saberes tradicionais indígenas.

“Eu sempre coloco para as gerações mais novas a importância de procurar saber a história do povo [...] todos os anos estão chegando alunos novos e eles precisam conhecer quem foi a Fen’Nó o que ela significou pra esse povo, que graças a essas pessoas que já se foram, hoje a gente tem o chão que a gente pisa [...] que eles conheçam e valorizem essa história, essa luta e em cima disso eles se inspirem pra novas lutas” (Vanisse Domingos).

A partir da criação da Escola Indígena, no Toldo Chimbanguê ocorrem inúmeras mudanças em busca da salvaguarda e do despertar das danças e rituais que fazem parte da cultura dos ancestrais Kaingang, entre eles o grafismo originário das metades clânicas KAME E KAIRU, marcas exogâmicas do povo Kaingang, além do artesanato, a língua, o batismo cultural com ervas e fogo, as danças como forma de expressão corporal e luta, a medicina e a culinária tradicional.

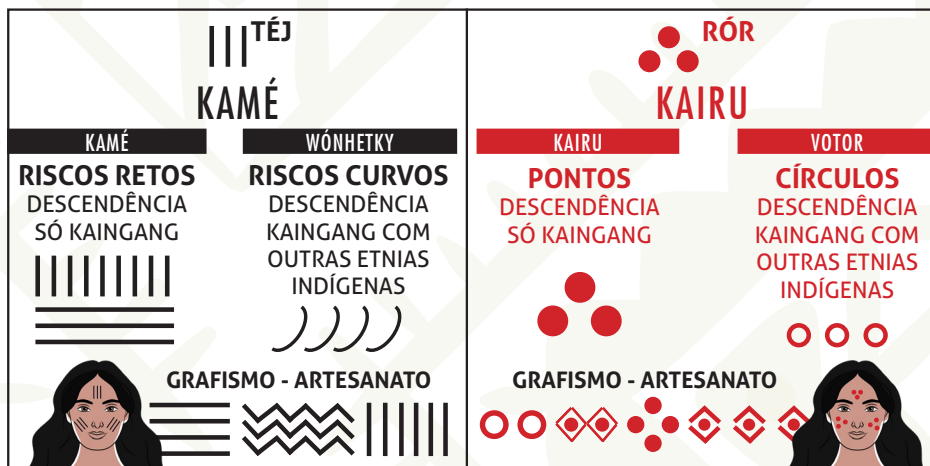
Um dos aspectos fundamentais da organização social dos Kaingang é a divisão nas metades exogâmicas, KAMÉ e KAIRU. Os KAMÉ estão relacionados ao Oeste e à pintura facial com motivos compridos (*râ téi*), e os KAIRU relacionados ao Leste e à pintura facial com motivos redondos (*râ ror*). A filiação a uma metade é definida patrilateralmente: os filhos, de ambos os sexos, pertencem à metade e seção de seu pai, esse procedimento contínuo através das gerações estabelece o caráter patrilinear da sociedade Kaingang.



“Conforme relata Nimuendaju: a tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão (...) Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome Kañerú e Kamé, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que Kañerú e sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros [...] Kamé e os seus companheiros, ao contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos” (Fonte: Veiga, 1994).

O GRAFISMO

Na tradição Kaingang, os membros das metades exogâmicas se diferenciam através das marcas ou pinturas corporais. Enquanto, os Kamé se representam através de marcas compridas, riscos verticais na cor preta, os Kairu, possuem marca redonda, na cor vermelha.



Fonte: Dill, Bueno e Dorneles, 2020.

“Na cultura Kaingang, tudo que a gente realiza enquanto prática cultural, até mesmo a questão dos nomes das nossas crianças, a gente trás muito os elementos da natureza, inclusive o nosso grafismo [...] A metade Kamé ela tem características do sol, do dia e existem animais e plantas que fazem parte. A metade Kairú é a lua, da noite, também tem animais e plantas que são da metade Kairú” (Vanisse Domingos).



As tinturas naturais utilizadas para a pintura são feitas a partir de carvão, colorau e jenipapo. Imagem: EIEF Fen'Nó.

O ARTESANATO

O saber-fazer do artesanato é uma prática coletiva, transmitida oralmente pelos mais velhos para as gerações mais novas. Os guardiões dos saberes da cultura Kaingang são os *Kófa*, os mais velhos da comunidade, aqueles que sustentam a tradição e são profundamente respeitados na aldeia.

A confecção do artesanato, desde a coleta dos materiais na mata, passando pela confecção, e posterior comercialização ou troca é um elemento extremamente importante na construção das relações culturais, sociais e afetivas dos Kaingang, conferindo sentido à vida e à existência (NINHPRYG, 2016).

“A dona Ana fazia balaio, eu só olhando ela fazer, eu aprendi. Eu gosto do que eu faço” (Paulina Antunes Candó).



E/D – Dona Nadir, Iara e Dona Paulina fazendo artesanato. Imagens: Daiane Frigo.

A LÍNGUA

A língua Kaingang é uma das línguas da família Jê, integrante do tronco Macro-Jê. O linguista e pesquisador de história indígena do Sul do Brasil, Wilmar D'Angelis aponta em seus estudos que, ao longo do tempo, os Kaingang se espalharam por muitas regiões geográficas e desenvolveram vários dialetos diferentes, tanto em termo de pronúncia, quanto de significado. Como todas as línguas indígenas em território brasileiro, o Kaingang não possuía uma escrita própria, o que passou a ser registrado por pesquisadores a partir dos anos sessenta.



Painel de boas-vindas exposto na Escola.

O ALFABETO KAINGANG USA AS SEGUINTE LETRAS:

Vogais: A Á Ã E É Ê I Ì O Ó U Ū Y Ÿ

Consoantes: F G H J K M N N H P R S T V

Alguns nomes em Kaingang podem sofrer variação na escrita. Um dos fatores observados é o fato do idioma dos programas de digitação não reconhecer e permitir a acentuação de determinadas letras, como é o caso dos nomes: FEN'NÓ também redigido FËN'NO e SÏN MAG também redigido SE MÁG.

VOCÊ SABIA!?

O vocábulo Kaingang, escrito na língua materna como *Kanhgág*, significa “gente do mato” ou “homem do mato”, expressando a profunda conexão dos indígenas Kaingang com a natureza.

VAMOS CONHECER UM POUCO MAIS!!!

Nas rodas de conversa muitos conhecimentos têm sido transmitidos pelos Kaingang. Conheça agora uma cantiga que vem sendo repassada há muitas gerações.

Rá ké ta ni, rá ké ta ni...

Rá pur vá vÿr...

Hára tá kótig mág

Hára tá kótig mág

O sol se foi, o sol se foi...

O sol se foi...

Mas ele vai voltar...

Mas ele vai voltar...

O BATISMO

O ritual de batismo é realizado pelo grande Kujã da comunidade, sábio ancião e conhecedor das ervas e espíritos da natureza, que no clarear do dia pede permissão aos espíritos ancestrais e da natureza para retirada das ervas que serão utilizadas. Esse conhecimento é tido somente por esses sábios, que escolhem para quem irão transmitir o saber-fazer.

Da natureza são retiradas ervas que serão utilizadas no batismo em três etapas:

- 1- Misturada com água para lavar a pessoa, no momento em que é dado o nome;
- 2- Misturada com água para beber, para purificar o corpo internamente;
- 3- E no fogo onde é queimada a erva para a pessoa passar pela fumaça e tirar/espantar do corpo espíritos e sentimentos ruins.



Alguns momentos do ritual do batismo, realizado no Toldo Chimbangue.

Imagens: Andreza Bazzi e Vanisse Domingos.

AS DANÇAS

As danças são a forma de expressão corporal e espiritual do corpo de um povo. Realizadas principalmente em movimentos de luta e manifestação cultural. São utilizados adornos, chocalhos e sopros. Em alguns momentos a dança faz referência à animais e plantas, aproximando o homem da natureza.



Alunos da escola fazendo a dança do passarinho. Imagem: Andreza Bazzi.



Alunos da escola fazendo a dança criança feliz. Imagem: EIEF Fer'Nó.

CONHEÇA ALGUNS TIPOS DE DANÇAS!!!

- **Dança de guerra:** Preparação física do corpo para a luta, na maioria das vezes são os homens que participam desta dança, tendo como instrumento de luta a lança.
- **Dança do passarinho:** Demonstra a harmonia e conexão entre os animais e seres humanos.
- **Dança criança feliz:** Expressão da alegria e harmonia entre a natureza e as crianças.

“Eu destaco a importância de indígena trabalhar com indígena, porque nós somos parte daquilo que elas estão vivendo... [...] quando eu falo em cultura com eles eu estou falando de algo que é nosso, que é eu e eles” (Vanisse Domingos).

A MEDICINA E A CULINÁRIA TRADICIONAL

Mantendo as práticas de seus ancestrais é importante para a cultura indígena Kaingang a interação com a natureza, especialmente no que diz respeito ao cuidado com a saúde, por meio do uso das ervas e da alimentação tradicional, que mantêm seus vínculos com a terra, a água, a floresta e os conhecimentos tradicionais que vem sendo passados de geração em geração.

“A mãe tinha um balaio grande e daí ela debulhava milho cateto, enchia aquele balaio, levava lá no rio, dali quatro dias ela tirava aquele balaio de milho, socava no pilão e depois abanava na peneira, na bacia amassava aquele milho socado, fazia o boraio e assava pra nós comer” (Nadir Vergueiro).



Alimentos tradicionais preparados durante a Semana Cultural, 2019.
Imagens: Andreza Bazzi; EIEF Fer'Nó.

“As nossas folhas elas curam! Quanto a isso eu percebo que muitos valorizam a questão do uso das ervas medicinais, um chá, um xarope caseiro, uma xaropada, uma garrafada, se procura bastante. A juventude um pouquinho menos, mas isso tudo depende de nós incentivarmos para que eles adquiram esses costumes [...] quando a gente fez o projeto da Trilha das ervas medicinais, a gente já fez com a ideia de fazer com que as nossas crianças, adolescentes, jovens, viessem a se interessar” (Cleusa Domingas Rodrigues).



Cleusa manipulando ervas medicinais.
Imagem: Daiane Frigo.

“Em 2015 iniciei o trabalho na saúde indígena como Nutricionista na Secretaria Especial de Saúde Indígena [...] estou no Polo Base e como Nutricionista nas aldeias circulando [...] Eu percebo que as pessoas não deixaram de usar os alimentos típicos, porque tem épocas que tem e outras que não tem, mas incluíram os produtos industrializados na alimentação, usando em excesso, desde criança” (Cleusa Domingas Rodrigues).

“Às vezes as crianças estão doente, eles vêm me procurar pra eu fazer o remédio, mas eu sempre digo pras minhas netas e meus filhos - Vocês tem que ter conhecimento de ervas pra vocês usar, porque um dia eu não vou estar pra fazer. E digo pra todo mundo, que tenham conhecimento das ervas, artesanato [...] isso é uma defesa de vocês como indígena Kaingang. Eu quero que os mais novos aprendam, eu aprendi um pouco com a dona Ana, um pouco com o meu sogro que ele era um benzedor e eu fui guardando por isso que eu sei” (Paulina Antunes Candó).

Sobre a equipe técnica

Daiane Frigo

Mestre em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2019). Licenciada em História pela Universidade Norte do Paraná (2019). Especialista em Gestão Cultural pelo SENAC/RS (2012). Licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). Atua há mais de 12 anos na área cultural como instrutora e consultora nas áreas de Teatro, História, Gestão Cultural, Gestão de Projetos e Empreendimentos Criativos. E-mail: daiafrigoo@gmail.com

Andreza Bazzi

Doutoranda em História das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz - COC/FIOCRUZ. Possui Mestrado em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS (2019) e Graduação em História Licenciatura Plena pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó (2008). Tem experiência de pesquisa em História indígena com ênfase na etnia Kaingang. Atualmente pesquisa políticas públicas de etnodesenvolvimento direcionadas aos Kaingang na Região Sul do Brasil. E-mail: bazzi.andreza@gmail.com

Vanisse Domingos

Indígena Kaingang, reside na Terra Indígena Toldo Chibangue. Formada em Pedagogia, Unochapecó (2003). Pós-graduada em Gestão Escolar. Atualmente faz parte do grupo de mulheres da Comunidade Chibangue e é Diretora da Escola Indígena de Ensino Fundamental (EIEF) Fen'Nó, localizada na Aldeia Toldo Chibangue, sendo a primeira mulher e primeira indígena a ocupar essa função na escola. E-mail: vanissenity@gmail.com



Acesse no QR Code as referências bibliográficas.



Acesse no QR Code a audiodescrição deste conteúdo.

Este material poderá ser acessado digitalmente, no endereço eletrônico <https://inovasolucoescriativas.blogspot.com>.

Distribuição Gratuita.

Vāsŷ vāsānsān mū

Un mág ag tŷ vāsa jujun en ke,
Eg tŷ vānŷn kā tŷ vin, ag tóg
Fóg ag junjun ja en ke,
Vāsa rinh rénh eg tóg
Vāsa rinh rénh eg tóg.

Vesa rinh rénh mū ke, eg tóg vāsānsān
Mū, eg tŷ kanhgág ag.

Pā'i tŷ ti mré ke, ag kāja tun mū.
Hã ra, eg tŷ vāsānsān mū, eg mū ja mi
Pā'i tŷ ti mré ke, ag kāja tun mū.
Hã ra, eg tŷ vāsānsān mū, eg mū ja mi

Kanhgág kar un sá mré kupri,
Eg tŷ vāsa rinh rénh ja ni.
Fóg ag junjun ja en ke,
Vāsa rinh rénh eg tóg
Vāsa rinh rénh eg tóg.

Vesa rinh rénh mū ke, eg tóg vāsānsān
Mū, eg tŷ kanhgág ag.

Pā'i tŷ ti mré ke, ag kāja tun mū.
Hã ra, eg tŷ vāsānsān mū, eg mū ja mi
Pā'i tŷ ti mré ke, ag kāja tun mū.
Hã ra, eg tŷ vāsānsān mū, eg mū ja mi

Anos de Resistência

Há muito tempo os poderosos chegaram
Nos maltrataram demais
E roubaram a nossa paz
Sofrendo, mas sempre resistindo,
Os povos indígenas

Governo esqueceu o seu povo
Que luta por liberdade,
Governo esqueceu o seu povo
Que luta por liberdade

Índios, negros e brancos
Muitos foram escravizados
Em nome da colonização
Sofreram, sofreram
Sofrendo, mas sempre resistindo,
Os povos indígenas.

Governo esqueceu o seu povo
Que luta por liberdade,
Governo esqueceu o seu povo
Que luta por liberdade

Compositor: Não identificado.